

**FANATISMO IDEOLÓGICO**

**AS ORIGENS  
DOS CULTOS  
REVOLUCIONÁRIOS**  
**ALBERT MATHIEZ**



# FANATISMO IDEOLÓGICO

## AS ORIGENS DOS CULTOS REVOLUCIONÁRIOS

(1789-1792)

Dissertação apresentada como segunda tese de doutorado na  
*Faculdade de Letras da Universidade de Paris*

por

ALBERT MATHIEZ

Antigo aluno da *Escola Normal Superior* e  
Professor de história no *Liceu de Caen*

TRADUÇÃO  
MARLY PERES



*Dedico este ensaio ao sr. Antonin Debidour, inspetor geral da Instrução Pública, e ao sr. Gabriel Monod, mestre de conferências na Escola Normal, em testemunho de reconhecimento e de afeição.*

**CAEN, DEZEMBRO DE 1903.**

## APRESENTAÇÃO

---

Para quem acompanha o noticiário político e cultural, não pode deixar de causar espanto a imensa variabilidade de formas com que o movimento revolucionário se faz presente nele. Embora haja, por exemplo, uma relação de identidade, que não escapa nem a eles nem a seus adversários, entre os antigos trabalhistas e os novos progressistas, o cerne dos respectivos discursos é bem diferente. Se os revolucionários de ontem só falavam em neoliberalismo, reforma agrária, distribuição de renda e direitos do trabalhador, os de hoje concentram-se em machismo, racismo e outras questões de gênero. Os de ontem não escondiam o desejo de combater a “elite” que odiavam; os de hoje, falando em nome do “amor”, não se envergonham de trabalhar com a elite e sequer de pertencer a ela, tentando antes “conscientizá-la” e cooptá-la (com imenso sucesso) do que destruí-la. Os de ontem consideravam-se porta-vozes do “trabalhador”. Os de hoje não escondem a repulsa pelo trabalhador, que consideram fascista. Os de ontem eram populares entre pobretões; os de hoje são VIPs entre VIPs. Se é assim, o que é que pode haver de comum entre eles? Por que, a despeito de tantas diferenças, a cara de um indica o focinho do outro? Que unidade pode haver entre o trabalhador machão de ontem e o militante elitista de hoje que odeia os trabalhadores?

Albert Mathiez responde: É uma *unidade de culto*. “É por sua forma, e não por seu conteúdo, que se reconhecem os fenômenos religiosos”,

observa Mathiez. Por maiores que sejam as diferenças de conteúdo discursivo entre o revolucionário que combatia o capitalismo com um fuzil e aquele que combate o machismo com um iPhone, a forma do culto que um e outro praticam é exatamente a mesma.

Que o movimento revolucionário é uma forma de culto, este livro mostra para além de qualquer dúvida. Ecoando o sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), Mathiez explica que as noções de divindade e sobrenatural, que o senso comum considera características essenciais dos fenômenos religiosos, em verdade são secundárias. O que define esses fenômenos são “as crenças obrigatórias, bem como as práticas relativas aos objetos dados nessas crenças”.

Quais são as crenças e práticas comuns dos revolucionários? Segundo Mathiez, todas elas derivam dos teóricos iluministas do século XVIII, principalmente Jean-Jacques Rousseau. Esses teóricos “se preocuparam muito com o que hoje chamamos de questão social. Todos construíram mais ou menos sua futura cidade, todos acreditaram na onipotência das *instituições* sobre a felicidade dos homens.” Todos acreditavam “que basta mudar as leis para melhorar a sociedade e até regenerá-la”. Em suma, “*o homem pode melhorar sua condição indefinidamente, modificando o organismo social*. O organismo social pode e deve ser um instrumento de felicidade; de um instrumento de felicidade a um objeto de veneração, de adoração, há apenas um passo.”

Não escapará ao leitor atento que essas crenças comuns não somente são o elo entre os revolucionários, mas também subjazem às camadas geológicas mais superficiais do discurso de alguns movimentos políticos contemporâneos que ninguém, à primeira vista, consideraria revolucionários. Talvez “felicidade” tenha significado diferente para o marxista aguerrido e o “guerreiro da justiça social”, mas ambos acreditam que o Estado é um instrumento para alcançá-la, que basta mudar as leis para melhorar a sociedade, que as instituições têm soberania sobre a vida humana e que, por meio do organismo social, “o homem pode melhorar sua condição indefinidamente”. Assim como acreditam os subversivos do *Black Lives Matter* e do Antifa, movimentos que pretendem transformar a sociedade norte-americana por meio do

saque, do incêndio, do espancamento, do linchamento, da destruição e do caos. Mas alterar fundamentalmente o curso normal da vida humana em grau e profundidade jamais vistos para conter a propagação de um vírus não seria também crer que basta mudar as leis para melhorar a sociedade, que as instituições têm soberania sobre a vida humana e que, por meio do Estado, “o homem pode melhorar sua condição indefinidamente”? A unidade de culto revela as mais curiosas semelhanças entre rebeldes enfezadinhos e cientistas circunspectos. Revela também que, quando se trata do mundo atual, o buraco é sempre muito mais embaixo.

Deve estar claro, neste ponto, que o livro que você tem em mãos é uma lanterna na selva escura. Examinar os cultos da Revolução Francesa, *As origens dos cultos revolucionários* lança luz sobre toda a política contemporânea. É, pois, uma ferramenta indispensável para quem deseja compreender a era em que vive, saber do que fala e agir com propriedade. Depois de lê-lo, ninguém verá mais o mundo com os mesmos olhos.

EDUARDO LEVY,  
*tradutor e professor*



*Lenin, o líder da Revolução Russa*

## ADVERTÊNCIA DO AUTOR

---

Este texto não tem a pretensão de ser um trabalho definitivo. Tudo o que quis foi indicar uma orientação nova para o estudo dos cultos revolucionários. Apresentei uma tese, expus alguns argumentos, mas sou o primeiro a saber o quão incompleto e provisório é o esboço que tracei. No entanto, tal como está, talvez venha a ser objeto de discussão. A mim bastaria que essa discussão se transformasse, de alguma forma, em benefício da ciência histórica.



**PRIMEIRA PARTE**

**A RELIGIÃO  
REVOLUCIONÁRIA**



*Ilustração da Queda da Bastilha*

*Gravura: A morte de Coriolano*



## CAPÍTULO 1

---

# O PONTO DE VISTA NEGATIVO NO ESTUDO DOS CULTOS REVOLUCIONÁRIOS

Durante muito tempo, a maioria dos historiadores viu nos cultos revolucionários apenas construções artificiais, imaginadas pelos homens políticos, para atender à necessidade das circunstâncias. Mesmo aqueles que gostam de se proclamar discípulos dos homens de 1789 não costumam levar a sério essas tentativas e, subsequentemente, quase nunca se colocam do ponto de vista estritamente religioso para estudá-las e para julgá-las. O culto da Razão, o culto do Ser Supremo, a teofilantropia, o culto decadário para eles não passam de capítulos da história política da Revolução e de episódios da luta dos “patriotas” contra os partidários do antigo regime. Como essas pseudoreligiões desapareceram muito rapidamente, não é raro que elas sejam quase completamente ignoradas, ou, o que é pior, que seja dada a essas coisas efêmeras a esmola de uma menção desdenhosa tão só para que se divirtam à sua custa. O historiador é voluntariamente respeitoso com o que dura.

Os escritores católicos, por sua vez, não costumam se ocupar do assunto senão para descrever as perseguições das quais sua religião foi objeto e para erguer o martirologio de suas vítimas. Levados pelo seu zelo confessional, eles geralmente retêm da obra religiosa da Revolução apenas os detalhes mesquinhos e odiosos.

## OS HISTORIADORES LIBERAIS

Entre os chamados historiadores liberais, Adolphe Thiers dedica dez linhas cheias de erros aos teofilantropos, “aqueles ridículos sectários que celebravam festas em homenagem a todas as virtudes, da coragem, da temperança, da caridade etc., e certos dias colocavam flores sobre os altares onde outros haviam celebrado a missa”. Ele naturalmente aprova Bonaparte por ter posto fim a suas sacrílegas comédias. “Para os católicos sinceros”, disse ele, “era uma profanação de edifícios religiosos que o senso comum e o respeito devido às crenças predominantes impunham fazer cessar”.<sup>1</sup>

Edgar Quinet, com cruel ironia, associa a audácia de Lutero com a timidez de Danton e de Robespierre. Ele nega aos fundadores dos cultos revolucionários o profundo sentimento religioso que animava, se acreditarmos, os reformados do século XVI. Ele obscurece o culto da Razão, essa religião de ator, inventada por Jacques Hébert, comerciante de contramarcas. É preciso ouvi-lo zombando friamente da rotina clássica, da frivolidade mental desses revolucionários que se imaginavam enterrando os velhos cultos com a canção de Marlborough, desses terroristas que hesitam em empregar a violência contra o catolicismo e, finalmente, salvar a contrarrevolução com seu pusilânime decreto de 18 de frimário! “Naquele dia”, exclama ele, amargo e triunfante, “eles fizeram mais pela religião antiga do que São Domingos e Torquemada”!<sup>2</sup>

Indo mais longe do que Quinet, seu correligionário, Edmond de Pressensé, por sua vez, lança seus traços mais nítidos contra os cultos revolucionários e especialmente contra a teofilantropia, “comédia lamentável”, “pastoral estúpida”.<sup>3</sup>

Jules Michelet, é verdade, dedica belas páginas líricas às Federações, que ele considera com razão como a primeira manifestação de uma nova fé. Melhor do que qualquer outro, ele suspeitou do caráter religioso das grandes cenas da Revolução. Mas apenas suspeitou. A continuidade da religião revolucionária lhe escapa. Ele também acredita que os diferentes cultos, que foram sua manifestação exterior, foram imaginados de todas as formas por políticos desajeitados, infinitamente incapazes de criação.<sup>4</sup>

Émile Gachon<sup>5</sup> é, talvez, um dos que melhor entenderam o que havia de nobre e sério nas tentativas dos revolucionários de fundar uma religião

cívica. Mas ele parecia ser guiado em seu livro (um simples resumo de uma parte da *Histoire des Sectes Religieuses*, de Henri Grégoire) mais pela preocupação com os interesses do protestantismo do que pelo mero desejo de fazer um trabalho histórico. Ele tampouco percebe o verdadeiro caráter da religião revolucionária, cuja teofilantropia, como o culto da Razão ou o culto do Ser Supremo, era apenas uma das formas temporárias.

Não é Alphonse Aulard, o último e o primeiro historiador do culto da Razão e do culto do Ser Supremo, que se pode culpar por ter se deixado levar por uma preocupação diferente daquela da verdade. Ele bem viu a importância histórica dos cultos revolucionários, uma vez que não hesitou em escrever que o movimento do qual eles nasceram é um “dos mais curiosos da história da França e da humanidade”.<sup>6</sup> Ele vê ali:

(...) não apenas uma tentativa filosófica e religiosa, sem raízes no passado da França e sem conexão com os eventos, não uma violência feita à história e à raça, mas a consequência necessária e um tanto política do estado de guerra em que a resistência do antigo regime contra o novo espírito lançou a Revolução.

Em outras palavras, ele pensa que nossos pais:

(...) entronizando a deusa da Razão em Notre-Dame ou glorificando o deus de Rousseau no Campo de Marte, se propunham, sobretudo, a um objetivo *político* e, na maioria das vezes, só buscavam, nessas empreitadas contra a religião hereditária, como aliás em suas outras violências de atitude ou de palavra, um expediente de defesa nacional.<sup>7</sup>

Eis, portanto, a acentuada continuidade entre cultos revolucionários, que emanariam todos da mesma aspiração, de uma mesma necessidade, o amor à pátria. Com essa explicação, o essencial nessas tentativas religiosas não é mais a luta contra a Igreja, mas a defesa da nova França. Nesse ponto, concordo plenamente com Aulard, mas acredito que falta mais um passo a ser dado, que o movimento do qual o culto da Razão surgiu deve estar ligado à grande corrente das Federações e que é possível determinar de maneira

mais precisa o que há de essencial e de comum em todos os cultos revolucionários. Sim, é o amor à pátria que é a parte viva da religião revolucionária, Aulard tem razão em proclamá-lo, mas um amor pela pátria entendido de maneira muito ampla, um amor pela pátria que engloba com o solo nacional a própria instituição política.

## OS HISTORIADORES CATÓLICOS

Para escritores católicos, é o ódio e não o amor que deu origem aos cultos revolucionários, o ódio feroz à Igreja católica.

Grégoire, em sua confusa mas preciosa *Histoire des Sectes Religieuses*, mal distingue entre as invenções de Hébert, Robespierre, La Revellière-Lépeaux; ele mistura os períodos, classifica arbitrariamente os fatos, querendo apenas destacar a violência da “perseguição”.

Jules Sauzay, em sua grande *Histoire de la persécution révolutionnaire dans le Doubs*, tão solidamente documentada, e Ludovic Sciout, em seus vários trabalhos, não são animados por outro espírito.

O abade Sicard é o primeiro dos escritores católicos a entrar um pouco profundamente no estudo da religião revolucionária e, nesse sentido, seu livro *A la recherche d'une religion civile*<sup>8</sup> merece nossa atenção. Sem dúvida, Sicard muitas vezes confunde as épocas, generaliza e sistematiza, mas ele claramente marcou toda a importância que tiveram até o fim as festas cívicas, as “instituições”, aos olhos dos revolucionários de todos os partidos, e mostrou, com grande força, que o objetivo que eles se propunham não era tanto destruir o catolicismo, mas substituí-lo; que eles tiveram a ambição de regenerar a alma francesa, de refundi-la, através de instituições, em um molde novo. Não sem inteligência, ele tentou analisar esse ideal comum a todos os revolucionários, determinar os dogmas da religião civil que eles se esforçavam em instituir, descrever seus ritos, suas cerimônias e seus símbolos. Mas, se ele destacou claramente o lado positivo da religião revolucionária, também o considerou como uma criação artificial das políticas. Ele não viu nem sua origem espontânea, nem seu caráter místico, nem sua vida própria. Em uma palavra, a religião revolucionária não é, aos olhos dele, realmente uma religião.

# CARACTERÍSTICAS DO FATO RELIGIOSO

## DEFINIÇÃO DE DURKHEIM

Então, o que é uma religião?<sup>1</sup> Por quais sinais reconhecemos os fenômenos religiosos e os encontramos nas várias manifestações da fé revolucionária?

Em um notável livro de memórias publicado no *Année sociologique*,<sup>2</sup> David Émile Durkheim definiu de maneira muito original e com argumentos muito sólidos, em minha opinião, o que deve ser entendido por religião e por fatos religiosos.

A ideia do sobrenatural, ele explica em primeiro lugar, a crença em Deus não teve nas manifestações da vida religiosa o papel preponderante que geralmente lhe é concedido. Há, de fato, religiões como o budismo e o jainismo que oferecem aos homens um ideal totalmente humano. A ideia de Deus é banida de seus dogmas essenciais. Nos cultos totêmicos, o objeto de adoração é uma espécie animal ou vegetal. Nos cultos agrários, é sobre uma coisa material, sobre a vegetação, por exemplo, que a ação religiosa é exercida diretamente, sem a intervenção de um princípio intermediário ou superior. Durkheim tira desses fatos a conclusão de que “longe de ser o que há de fundamental na vida religiosa, a noção de divindade é, na realidade, apenas um episódio secundário”.<sup>3</sup>

É por sua forma, e não por seu conteúdo, que se reconhecem os fenômenos religiosos. Não importa o objeto sobre o qual eles se



aplicam, que esse objeto seja uma coisa, uma noção do espírito, uma aspiração sobrenatural, “chamam-se fenômenos religiosos as crenças obrigatórias, bem como as práticas relativas aos objetos dados nessas crenças”.<sup>4</sup> A crença obrigatória para todos os membros do grupo é a primeira característica do fato religioso; as práticas externas também obrigatórias ou de culto são a segunda.

As crenças comuns de todos os tipos, relacionadas a objetos aparentemente laicos, tais quais a bandeira, a pátria, tal forma de organização política, tal herói ou tal evento histórico etc., são obrigatórias em algum sentido, e somente por isso elas são comuns, pois a comunidade não tolera negá-las abertamente sem resistência (...) Elas são até certo ponto indistinguíveis das crenças estritamente religiosas. A pátria, a Revolução Francesa, Joana d’Arc são para nós *coisas sagradas*, que não permitimos que sejam tocadas.<sup>5</sup>

É verdade que, para formar uma religião verdadeira, essas crenças obrigatórias deverão estar estreitamente ligadas às práticas regulares correspondentes.

Assim, Durkheim considera a religião como um fato social que não tem nada de misterioso. O fato religioso é de todos os tempos e de todas as civilizações. Manifesta-se nas sociedades aparentemente mais incrédulas e irreligiosas. Ele se origina não de sentimentos individuais, mas de estados da alma coletiva, e varia como esses estados.<sup>6</sup> Sendo essencialmente humano, o fato religioso é eterno. Durará enquanto houver homens. É a sociedade que prescreve ao fiel os dogmas nos quais ele deve acreditar e os ritos que deve observar: “Ritos e dogmas são sua obra.”<sup>7</sup> A noção do sagrado é de origem social. Ao estudá-lo de perto, vê-se que é “apenas uma extensão das instituições públicas”.<sup>8</sup>

## **OUTRAS CARACTERÍSTICAS DO FATO RELIGIOSO**

A essa definição, que faço minha, acrescentarei alguns traços. O fenômeno religioso é sempre acompanhado, durante seu período de formação, por uma superexcitação geral da sensibilidade, por um forte apetite pela felicidade. Quase imediatamente também, as crenças religiosas se concretizam em objetos materiais, em símbolos, que são, ao mesmo tempo, sinais de identificação para os crentes e espécies de talismãs, nos quais eles depositam suas esperanças mais íntimas e para os quais, portanto, não aceitam o desprezo ou o desconhecimento. Muitas vezes, ainda assim, os crentes, especialmente os neófitos, são animados por uma raiva destrutiva contra os símbolos de outros cultos. Muitas vezes, finalmente, eles rejeitam, quando podem, todos aqueles que não compartilham sua fé, que não adoram seus símbolos, e os atingem, por esse crime único, com penas especiais: eles os expulsam do lugar comunitário de que fazem parte.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



Há um grande número de portadores do  
vírus HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM MAIO DE 2021